

## IDEOLOGIA E DESEJO

Fernando HARTMANN

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Ao relacionarmos duas ou mais teorias, visando criar uma terceira, devemos levar em conta a estrutura significativa de modo tal que jamais teremos um significante sozinho, separado de sua relação com a cadeia que lhe confere existência. Podemos forçar uma analogia entre os conceitos utilizados nesta nova teoria e o casamento. Quando casamos com alguém, inevitavelmente, a família (pai, mãe, irmãos, etc) vem junto, para o bem ou para o mal. Este escrito tem origem a partir da relação apontada por Nina Leite no I SEAD entre ideologia e objeto de gozo. Esta relação foi apresentada de forma peculiar por Slavoj Žižek (1991). Primeiramente, tomarei a liberdade de trazer uma nota de Pêcheux no artigo “Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação”. Trata-se da nota número 22:

*« Esse ponto de realização impossível do assujeitamento 'perfeito', no interior do processo de trabalho imposto pelo modo de produção capitalista, surge nessas poucas linhas, tiradas da narrativa autobiográfica de um militante intelectual empregado durante um ano como OS 2 em uma das indústrias Citroën; ele fala do trabalho em série:*

*E se a gente se dissesse que nada tem muita importância, que basta se habituar a fazer os mesmos gestos de uma forma sempre idêntica, aspirando somente à perfeição plácida da máquina? Tentação de morte. Mas a vida se revolta e resiste. O organismo resiste. Algo no corpo e na cabeça, se fortalece contra a repetição e o nada. A vida: um gesto mais rápido, um braço que pende inoportunamente, um passo mais lento, um sopro de irregularidade, um falso movimento, a 'reconstrução', o 'escoamento', a tática do posto; tudo o que faz com que, nesse irrisório quadrado de resistência contra a eternidade vazia que é o posto de trabalho, haja ainda acontecimentos, mesmo minúsculos, que haja ainda um tempo, mesmo monstruosamente estirado. Esse desajeito, esse deslocamento supérfluo, essa aceleração súbita, essa solda fracassada, essa mão que*

*retoma a vida que se liga. Tudo o que, em cada um dos homens da cadeia, urra silenciosamente: “Eu não sou uma máquina!”. » (PÊCHEUX, 1997, p.306)*

Essas belas linhas talvez mostrem um pouco deste título “Só há causa daquilo que falha”. Quando falamos da resistência do sujeito, bem sabemos que isso pode aparecer nos mínimos detalhes, “um braço que pende, um sopro de irregularidade”, como um ato falho ou chiste, por exemplo. Digamos que o humano tem essa capacidade de produzir equívocos, de falhar. O nosso operário militante intelectual diz: “aspirando somente à perfeição plácida da máquina”, ou seja, ser um instrumento sem falhas. Pela negação ele vai repetir: “Eu não sou uma máquina”, o que nos mostra que existe a possibilidade de ser uma máquina.

Contardo Calligaris (1991), no livro ‘Clínica do Social’, em um pequeno artigo chamado “A sedução totalitária”, apresenta-nos uma hipótese muito interessante que ele vai nomear de “a paixão de ser instrumento”. Nesse texto, ele fala sobre um sujeito, Rudolf Hoess, comandante do campo de Auschwitz (nenhuma relação com Witz do chiste ...), que escreveu em suas memórias, provavelmente para se defender no processo de Nuremberg, a seguinte justificativa: “Eu era um funcionário exemplar”. Isso quer dizer que ele matava não propriamente pelo prazer de matar, mas pelo prazer de ser um instrumento sem falhas. Voltemos aqui à perfeição plácida da máquina, à identificação a um objeto, a um instrumento. Claro que não é necessário ser um nazista para ter esse tipo de identificação; as nossas instituições, na sua forma perversa de existência, sustentam-se através deste tipo de identificação. O que Pêcheux parece nos indicar nesse texto é que esse assujeitamento nunca é total; “um passo mais lento, um falso movimento”. Essa paixão pela instrumentalidade, pela técnica, tão presente em nosso cotidiano, já assinalada de alguma forma por Heidegger e Hanna Arendt, talvez possa ser pensada a partir dessa relação fantasmática entre sujeito e objeto causa do desejo.

Uma pergunta nos parece pertinente: Por que o nosso militante intelectual operário chega a aspirar à perfeição plácida da máquina? É claro que isso traz um alívio para o sujeito! Ele ali, mesmo como instrumento, tem um lugar bem definido, um lugar de reconhecimento. Todos sabemos que isso não é pouco, pois cada qual busca o seu canto, seja como professor, psicanalista, operário, pesquisador, etc... Parece que o nosso militante fazia uma experiência, mas mesmo esse fato não o impediu de aspirar à perfeição da máquina. Então nós podemos nos perguntar por onde ou de que forma o sujeito, que aqui trataremos por sujeito do inconsciente, se apegava à ideologia.

Bem, uma das respostas está nessas poucas linhas, como diz Pêcheux. Mas eu vou fazer uma outra proposta: por que cada um de nós defende uma determinada posição política ou, para ser mais próximo, uma determinada teoria frente a outras? Ora, é que o nosso desejo aí está empenhado. O que nós temos de fato é que o sujeito se liga à ideologia pelo desejo, e aí está toda dificuldade de mudarmos algumas relações sociais. É também por essa via que ninguém pode justificar-se, dizendo: "é a guerra", "são as leis de mercado". A questão de passar para o lado do objeto, nessa relação do sujeito diante do objeto, é uma operação que alivia o sujeito, mas não o salva da condição de sujeito desejante, faltante.

De acordo com a teoria lacaniana, o objeto causa do desejo, objeto a, é o que vem a ocupar o lugar de uma perda que é constitutiva do sujeito na sua relação com a linguagem. Para falar, o sujeito sacrifica algo, tornando a relação direta do sujeito com o real impossível. A relação do sujeito com o mundo, a partir dessa perda, vai se dar sempre via discurso. O que vem a ocupar o lugar do que foi sacrificado é o objeto causa do desejo, que em uma dada conjuntura imaginária, diante do sujeito, possibilita a produção da fantasia que suporta o próprio desejo.

Nina Leite conclui seu texto, indicando que "o nível fundamental da ideologia deve ser referido à fantasia que estrutura a realidade social (LEITE,

2003, p.5)”. Cabe aqui uma primeira pergunta: esse nível fundamental da ideologia poderia ser relacionado ao desejo, em última instância, ao desejo de reconhecimento? E uma segunda questão, que podemos interligar a essa primeira, que incide sobre a afirmação de que “o sujeito tanto é determinado pela ordem simbólica, pelo significante, quanto pela sua relação a um objeto de gozo, um objeto libidinal. Esta relação entre um sujeito e um objeto causa do desejo é o que se conjuga na fantasia.” (LEITE, 2003, p.6)

O que tem ficado de lado nas abordagens sobre a ideologia, o funcionamento das massas humanas, relações econômicas e de poder é justamente um efeito que se coloca diante de todo aquele que trabalha com as teorias de interpretação. Como escreve Pêcheux, sugerindo “detectar os momentos de interpretação enquanto atos que surgem como tomadas de posição (PÊCHEUX, 1997, p. 57)”. É preciso assumir o desejo, responsabilizar-se por isso que nos faz sujeitos, pois se não consideramos o nosso desejo como considerar o desejo dos outros, sejam eles proletários, empresários, políticos de direita ou esquerda? Parece que ainda precisamos retornar a Freud quando este aponta para o fato do que move as sociedades, mais do que tudo, ser a paixão.

*“(…) Aparentemente as nações ainda obedecem a suas paixões muito mais prontamente que seus interesses. Estes lhes servem, na melhor das hipóteses, como racionalizações de suas paixões; elas exprimem interesses a fim de poderem apresentar razões para satisfazerem suas paixões.” (FREUD, 1987, Vol XIV p.325)*

Podemos levantar a hipótese de que a ideologia somente se sustenta por estar ligada ao desejo? Será que essa relação do sujeito diante do objeto de gozo pode ser pensada neste jogo em que o nosso operário militante intelectual está implicado quando procura afastar a possibilidade de ser uma máquina, ou um instrumento, mesmo que para nós ainda não esteja decidido a que objeto ele está identificado, se é o da milícia ou da fábrica? Enfim, será que a psicanálise pode

contribuir com os estudos em Análise de Discurso, atualmente, apontando justamente para essa relação entre o desejo e a ideologia?

**Referências Bibliográficas:**

CALLIGARIS, Contardo. A Sedução Totalitária. In : \_\_\_. *Clínica do Social*. São Paulo, Ed. Escuta, 1991.

FREUD, Sigmund. Reflexões para os tempos de guerra e morte. In : \_\_\_. *Obras completas Vol.XIV*. Rio de Janeiro, Imago Ed., 1987.

LEITE, Nina. *Psicanálise e Análise do Discurso : o acontecimento na estrutura*. Rio de Janeiro, Ed. Campo Matêmico, 1994.

LEITE, Nina. *Só há causa daquilo que falha*. Texto apresentado no I SEAD na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso : uma crítica a afirmação do óbvio*. Campinas, Ed. da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. *Discurso : Estrutura ou Acontecimento*. Campinas, Pontes, 1997.

ZIZEK, Slavoj. *O mais sublime dos histéricos : Hegel com Lacan*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1991.